Concurso de Poesia

A União de Escritores e Artistas de Amarante - UEAMA, Grupo de Teatro "Nasi Castro" e Revista Presença, numa promoção da Secretaria de Cultura e Fundação Cultural do Piauí, promoverão, em Amarante, o Concurso de Poesia "Poeta Firmino". Conforme Virgílio Queiroz, presidente da União de Escritores e Artistas de Amarante, o Concurso de Poesia tem despertado grande interesse na comunidade amarantina. Ele esteve no final de semana conversando com líderes estudantis, com a diretora do Centro Cultural "Odilon Nunes", estudantes e professores, para uma maior divulgação deste concurso. O secretário de Cultura, Israel Correia, foi um dos incentivadores do Projeto que, segundo ele (secretário), será de grande importância para divulgar e incentivar os novos poetas amarantinos.

A União de Escritores e Artistas de Amarante, conforme os seus estatutos, tem por finalidade resgatar as riquezas culturais da Terra de Da Costa e Silva. "É nosso pensamento realizar vários concursos nos diferentes estilos literários. Iremos promover pesquisas no campo do folclore — que é um dos mais ricos do Estado do Piauí; procuraremos despertar o interesse da população nos entido de preservar o nosso patrimônio histórico (que é o mais importante, em conjunto, no Piauí), lançaremos livros de autores consagrados como também de novos valores. A União de Escritores e Artistas de Amarante tem recebido o apoio necessário do secretário Israel Correia — que, até agora, foi o único a apoiar o nosso movimento". Expressou-se, Virgílio Queiroz — que brevemente lançará o seu livro "Revelações" com o apoio da Secretaria de Cultura. A diretoria da União de Artistas e Escritores de Amarante está assim formada: presidente - Virgílio Queiroz; vice-presidente - Vicente Ribeiro Gonçalves; tesoureiro - Josias Clarence Carneiro da Silva; secretária - Sônia Setúbal da Cunha e Silva; orador - Carvalho Neto. A posse da atual diretoria será no final do mês de maio. Além dos citados, são membros da UEAMA: Carlos Alberto Gramoza, Odilo Queiroz, Evandro Cunha e Silva, Firmino Pio Vilarinho, Francisco das Chagas Ferreira, Raimundo Alves de Sousa, Zulmira Bezerra, Odilo Filho, Gilberto Oliveira, Gil Nunes, Milemar Pereira dos Santos, José Vagner Nunes, entre outros.

Arte

Talento e criatividade

"Na proposta de qualquer artista, que seja a sua **iniciativa**, há sempre um território a ser percorrido que compreende o problema da artesania. Ou o artista tem o domínio do fazer, do lavor, ou simplesmente não realizará a sua pretensão". Assim opinou Clarival do Prado Valladares, para definir a necessidade do domínio artesanal por parte do artista plástico.

Fátima Campos enquadra-se perfeitamente nesta caracterização. Domina técnicas, matérias-primas, instrumentos e, sobretudo, é uma artista completa, que faz do ato de criar um ofício, um ato contínuo de doação de si mesma.

Fátima Campos é natural do município de União, mas sempre morou em Teresina. Desde pequena demonstrou ter talento e irrequieta criatividade, recebendo da família entusiasmado incentivo. Quando adolescente, produziu composições de intenso realismo. É a sua fase expressionista, quando utilizou telas de grandes dimensões para reproduzir cenas interioranas. No Rio de Janeiro, foi admitida no fechado círculo de discípulos do grande Ivan Serpa. Faz descobertas, aprende a dominar pincéis, tintas e cores. Frequenta galerias,exposições e vivencia o fascinante mundo da arte.

Voltando para Teresina, casa-se e passa a realizar sua **criação** mais perfeita, cinco filhos. Acompanha o marido em estadas profissionais nas cidades de Recife e São Paulo. Novas oportunidades, novas experiências são acrescidas ao seu já enriquecido currículo.

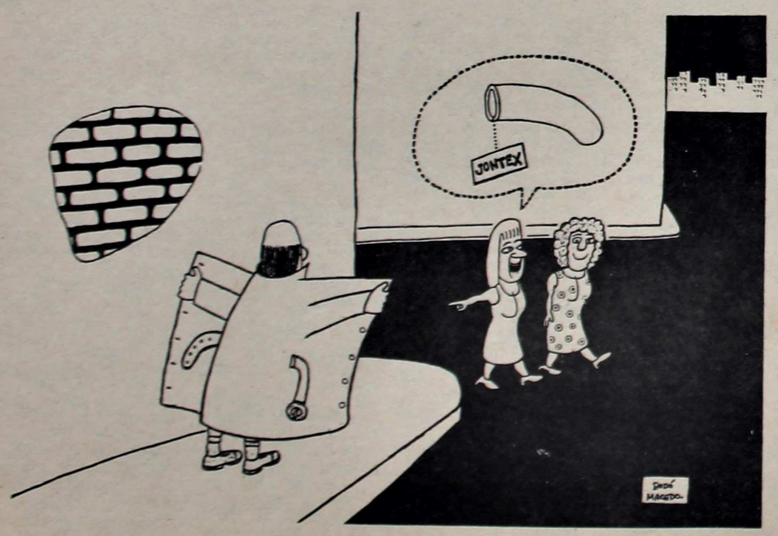
Fátima Campos participou de Exposições coletivas e individuais e de Salões de Arte no Piauí, em outros Estados, como também no exterior. Recebeu prêmios significativos, entre os quais merece destaque o Prêmio do Salão de Arte Contemporâneo de São Paulo (1983).

A trajetória artística de Fátima Campos é cheia de surpresas de conquistas fascinantes. Do figurativismo expressionista ao abstracismo lírico, de faze zen-oriental ao despojamento geométrico são algumas das diferentes marcas desta artista que detém o perfeito domínio de técnicas, de habilidades e de poder criativo.

Hoje, Fátima Campos mantém intenso ofício de fazer diferentes modalidades de arte: desenho, cerâmica, tapeçaria e estamparia. Está sempre produzindo, experimentando, aperfeiçoando-se numa procura apaixonante de soluções, de novas texturas, de novas linguagens para uma arte que expressa a nítida consciência de sua contemporaneidade.

Noé Mendes

Um cartum de Dodó Macedo



Poesia

MÃE

Dagmar Alencar Caldas

Mãe, eu converso contigo mentalmente,
Relembro os teus conselhos, sinto saudades,
Mãe, nunca consegui esquecer os dias felizes,
Dias da infância querida e da maioridade.

Cresci, amadureci e a vida me ensinou,
Mamãe, o filho deve sempre pensar,
Foi uma mulher santa, um anjo Divino,
que me deu a vida e me ensinou amar.

Amar até os inimigos, perdoando e orando...
Na estrada pedregosa da vida ser forte,
Mesmo que o sofrimento nos torture e magoe
Mãe, eu te agradeço mesmo depois da tua morte.

LOUVAÇÃO AS MÃES

Jesse James Said

Bendita seja a mãe,
que amamenta com amor
o filho nascido

Bendita seja a mãe,
que acalenta em seus braços
o filho emagrecido, enfermo, descarnado
de pele fria, olhar sombrio e barriga vazia.

Bendita seja a mãe,
que pela ternura sorridente
leva ao filho, o amparo do remédio
e a esperança da cura.

Bendita seja a mãe,
que protege o filho a intromissão da ofensa
aos golpes da injustiça,
das dores do mundo e as
pedras do sarcasmo

Bendita seja a mãe,
que nos lábios, traz ao filho o perdão
no coração o amor
na dúvida a certeza
na sombra a luz
na morte a vida.

BENDIDA SEJA AS MÃES

MÃE

Queria dar-te um presente, que fosse bem diferente,
do que costumo te dar.
Quis passar numa boutique, mais lá é tudo tão chique,
que ia ter medo de entrar.
Caminhei devagarinho, fui bater num armarinho,
onde pensei fosse achar.
Entrei naquele mercado, todo cheio de bordados,
deu vontade de chorar.
Mais mamãe chegou um homem, perguntando se eu tinha fome
ou se queria roubar.
Saí chorando mãezinha, já tava detardizinha,
era hora de voltar.
Então eu vi um jardim, ele tava aberto sim,
você tem que acreditar.
Peguei de lá uma rosa, saí então toda prosa,
era o que eu ia te dar.
Sei que não é diferente, mais há tanto amor na gente,
Mamãe você gostará.

Ghislaine Nunes

PÓEMA PARA A MAMÃE
(Dia das Mães)

Mamãe... tu és a expressão maior
e verdadeira do meu sentimento.
Da minha carne, da minha formação, da minha vida.
Eu sou tua raiz — eu nasci...
tu me deste vida,
hoje sou quem tu me fez nascer, Mãe,
como uma rosa, linda que tu plantaste
para viver neste mundo tão conturbado.

Num prazer talvez, maduro
mas... quem sabe? não, mas valeu.

O fato é que eu nasci, no embalo
da vida que programaste para mim,
nos meus sonhos, eu sonhei de um dia
termos nós, só nós, sempre a cantar a vida
numa ressonância de me ninar ao dormir
só você, num toque sútil e santo de Mãe
pudesse dá-me o meu reencontro
comigo mesmo e com a razão.
E nisso envaidecer minha existência
o que sou hoje, seu filho,
gente, um homem que segue teu espírito

sou mais o teu ensinamento correto
mostrando a trilha da felicidade
traçando o meu reencontro com meu interior
mas, tudo continua, pois ainda sou mais
você — Mamãe.

De Chico Alberto
Para sua Mãe: D. Teresa

O ESTADO cultural

Suplemento de O ESTADO — Teresina(PI), domingo, 08 de maio de 1988 — Não pode ser vendido separadamente

Fala O. G. Rêgo de Carvalho

"Se quiser escrever bem, terá de romper com os padrões"

Música

Vamos comer

Virlato Campelo

Há uma confusão associativa de Durvalino Filho ao se referir que "se fosse um trabalho individual seu, faria outra coisa" e o fato de que "assume sem medo os riscos de todas as contradições", no uso declarado de uma frase típica do poeta Torquato Neto.

Digo confusão porque o disco Cantares existiria de forma que está aí, com ou sem a presença do coordenador. Se esta coordenação fosse exercida por mim, não seria igual, mas o resultado seria o mesmo. Sejamos claro: sem coordenação artística o disco seria o que está aí. Não houve critérios nenhum para a condução do trabalho. Qualquer trilha sonora de novelas dá de dez a zero: única e exclusivamente porque tem uma linha de montagem.

Dito isto, não vejo razão alguma para Durvalino está assumindo riscos, muito menos os riscos das contradições. O disco Cantares é um registro de uma produção musical e não vejo razão alguma, ou necessidade mesmo, para transformá-lo em um evento cultural importante.

Se músicas como Balakubana, Coração Noturno e Agatha fossem gravadas da forma que estão no disco em 1980, poderíamos dizer que seria um avanço, pois naquele momento a produção musical piauiense era sem sombras de dúvidas bem mais sintonizada do que no momento atual. E outra coisa: eu acho particularmente, um atraso que grupos que se formarem no meio da década de 70, como os nossos, **estarem experimentando agora no início dos noventa, um trabalho em** disco e, este atraso não pode ser justificado porque as tetas do Estado não estiveram sempre cheia para alimentar a fome musical.

Voltando ao mote inicial, **quero dizer que no momento atual em que as** coisas se encontram, vejo novamente e retorno as vacas magras, ou seja, vamos fazer. Eu atravesso uma época de "Vamos comer" — semana de poesia, Brecht. Pássaro da Manhã (ou Tesão de mijo, como diria as meninas veneno), Cantares, etc. Achar que ocupa todas as linhas de frente da produção cultural porque pode ir dos sonetos de Mário Faustino a poesia erótica de Alda Caddah, à primeira vista pode até passar, mas aprofundando um pouco, não. Para isso haveria necessidade da "presença do dedo criador", em todas elas e, mais necessariamente, naquelas que não lidam com a erudição no lato sensu, mas no stricto sensu, como p.e. o disco Cantares. Durvalino não mostrou, pelo contrário, reduziu, simplificou. Assumiu o caminho mais simples. Sob nenhuma hipótese, principalmente pelo fato de existir outras baladas, Coração Noturno não deveria ser gravada da forma que foi. Ficou prejudicado não só o compositor mas um lado muito forte da música piauiense que são as canções dos compositores legítimos Cruz Neto e Noeno, onde letra e música se casam definitivamente, sem enganos ou erros, isto está provado em suas melhores composições, como as que estão no disco, este lado ficou completamente obscuro, mesmo tratando-se de um disco que tem o objetivo de materializar um material sonoro de uma determinada época.

Eu teria razões outras, aqui para mostrar que não vejo sinais que justifique tamanha hipervalorização de ego, mesmo porque como disse, no início, o resultado seria o mesmo. A possibilidade de se poder ir de uma ponta a outra e manter uma coerência interna dentro de várias formas de referência, às vezes antagônicas, eu acho um ato de sabedoria. Quando não, apenas repetição. É o que observo aqui.

Música Popular Brasileira

CAETANO - Caetano - Polygram - O peso exato das palavras. Dizse que foi um disco gravado por necessidade íntima (ele mesmo requisitou o estúdio, nem a gravadora esperava um trabalho dele este ano). Coisa séria, portanto, transa vital, gesto de quem sonha em fazer desta vergonha uma nação. Neste 24º elepê, uma prova de que, acima de tudo, trata-se de um superpoetaço, um dos maiores, vivos, do idioma brasileiro. Em outras palavras "poeta que se lambuza na língua já antropofagicamente cantada por ele". Resgata, aliás, a antropofagia Oswaldiana ("Vamo cumê"), resgatando Maria Antonieta a da Bastilha quedada, mudando brioches por faisão no menu. Confessadamente, nunca o ato mero de compor uma canção foi tão desesperadamente necessário para Caetano, o cool. Sorte Nossa!

MILTON NASCIMENTO - Milton Nascimento - CBS - em 1967 Rachel de Queiroz escreveu que não conseguia descobrir a origem do impulso que ele dava às suas músicas, uma coisa totalmente nova, misteriosa, intrigante e desafiadora. "Pouca gente entendeu com profundidade o que é a música de Milton Nascimento" - acrescentava. Mais: "com dignidade tranquila, sem concessões, não ri, nem chora, canta e toca sereno e positivo, como se rezasse, é altivo e impertubável, nem o êxito o comove. Parece um filho de rei." Milton continua um belo exemplo de dignidade, 20 anos depois de Travessia.

LEQUE MOLEQUE - Alceu Valença - RCA - Na boca do bobo da corte, Alceu não se perde do menino que eles teimam em lhe roubar. Mais uma canastra-real deste mamule go-querubim. Se bela Inês tem o peito dividido entre um porto seguro e o além-mar, Alceu Valença tem a obra dividida entre a competência e a coerência.

SOMOS AMÉRICA - Tim Maia - Continental - Sobre este 17º elepê do menestrel maldito já se disse que ele continua fiel às letras de desamor derramado que, nariz torcido ou não, subjazem no inconsciente coletivo. Pois é. Acontece que o próprio Sebastião, aliás, Tim, acha que o Brazéu tem esse lado romântico mesmo. Na verdade, nada mais Tim Maia do que este disco.

Reportagem de capa

Fala O. G. Rêgo de Carvalho

"O escritor deve conhecer os grandes autores para aprender"

O talentoso crítico de arte Edmilson Caminha Jr conseguiu uma das maiores proezas: entrevista o arredio romancista O.G. Rego de Carvalho, considerado um dos maiores romancistas da literatura brasileira, pai de Ulisses Entre O Amor E A Morte, Somos Todos Inocentes e Rio Subterrâneo. Do encontro de Edmilson Caminha Jr e O.G. Rego de Carvalho, retiramos e publicamos alguns trechos, uma riqueza de jornalismo e poesia

SOBRE ULISSES

Quando escrevi Ulisses tinha apenas dezenove anos, publiquei-o aos vinte e três anos. Nessa idade o autor, por mais vocação que tenha, não possui ainda devidamente amadurecida a consciência do seu potencial, do que poderá realizar. Naquele tempo havia um periódico brasileiro que publicava endereços de escritores. Consegui mandar quatrocentos exemplares do meu livro para fora do Piauí. E recebi, como você disse, uma verdadeira consagração da crítica de fora, dezenas de cartas e artigos, todos no sentido de emprestar à obra um sentido poético muito grande, de que eu próprio não tinha consciência. Porque me julgava apenas ficcionista, mas descobrir depois, lendo os meus críticos, que eu era mais um poeta do que prosador. Ainda hoje me comovo com esses elogios, porque sei o quanto significam para mim, no começo da minha carreira literária.

INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DE ESCRITOR

Quem me deu o toque, me abriu os olhos, me despertou a vocação foi um cearense notável: José de Alencar. Aos doze anos de idade li O Guarani. Me admira que, no século passado, O Guarani tenha sido assim como uma antevisão do romance aberto, de que fala Umberto Eco. No final da história, quando Peri salva Ceci e a coloca na palmeira, descendo o Paquequer transbordante, ninguém sabe o que vai acontecer: vão-se casar? Vão morrer? O final é aberto à imaginação de cada um. Esse livro de Alencar me marcou profundamente. Tanto assim que meus livros não têm um fim, em nenhum deles se pode botar a palavra fim, como nos romances fechados de antigamente. A outra vertente da literatura brasileira, a de Machado de Assis, também me influenciou decisivamente. O que tenho procurado fazer na minha obra é fundir Alencar e Machado - o romantismo de Alencar, sua linguagem poética, como o realismo e o estilo um tanto sóbrio de Machado. Na literatura universal destaco, como leituras de formação, Dostoievski, Flaubert, Faulkner, Joyce e, depois, Proust, de Em Busca do Tempo Perdido.

A LITERATURA PIAUIENSE NÃO EXISTE

Na minha opinião, a literatura é um conjunto de obras que tenham um caráter mais ou menos comum. Não se pode admitir uma literatura só de grandes expoentes. Ela tem de ser, por outro ângulo, um movimento de uma geração que se transmita à geração seguinte. Pergunto então: onde está esse facho? Quem conduz esse facho? Se você verificar o que ocorre no Piauí - que não deve ser diferente do que acontece no Ceará, no Maranhão - temos uma geração que escreve bem, que dá lugar a uma mediocre... Quer dizer, não há um seguimento, uma geração não mantém o nível da produção literária anterior, há como que um vácuo. Além disso, o que se escreve, aqui no Piauí, não tem características tão próprias para que se lhe possa dar o título de literatura piauiense. Por Deus, eu entendo literatura como uma expressão da coletividade, literatura não é o conjunto das obras de autores isolados.

Temos bons escritores no Piauí, de qualidade indiscutível: Da Costa e Silva, um dos maiores poetas brasileiros, podemos até dizer que todos os tempos; H. Dobal, também um grande poeta, vivo; Álvaro Pacheco, Mário Faustino, Esdras do Nascimento, Assis Brasil... São nomes que se impõem fora das nossas fronteiras, mas que se impuseram mais de lá prá cá do que daqui prá la, entende? São grandes escritores, sem dúvida, mas que não constituem sozinhos, isoladamente, uma literatura. Porque não fizeram escola, não se pode falar num movimento cultural no Piauí. Dentro da própria literatura piauiense há ilhas culturais cada estado, à sua maneira, é também um arquipélago - temos figuras isoladas que se projetam mas que não transmitem aos outros - não sei por quê, por fraqueza ideológica, talvez - o legado da sua criação.

NA ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS

Eu resisti à Academia por quase toda a vida - não digo toda porque acabei cedendo ao cerco dos amigos. A quem me perguntava por que eu não pertencia à Academia, minha resposta era uma só: "Minha condição de mortal já me é penosa. Quer dizer da imortalidade?" Mas cansei de tanto repetir isso às pessoas que me queriam ver lá dentro, Cheguei a dizer numa entrevista, que a Academia Piauiense de Letras não tinha representatividade. Terminei concordando em assinar o requerimento de admissão. Isolei-me no meu canto e, sem pedir voto a ninguém, sem escrever uma cartinha, sem fazer nenhuma visita, fui eleito com expressiva votação.

"Cheguei a dizer numa entrevista, que a Academia de Letras não tinha representatividade"

REFORMA ORTOGRÁFICA

Seria, a meu ver, mais um entrave que se criaria para o escritor e, principalmente, para o estudante. Uma das grandes dificuldades que enfrentei no magistério foi levar o aluno a se interessar pelo conhecimento da língua. Porque em tudo ele via regras - a de Soares Barbosa, o infinitivo pessoal só pode ser flexionado assim; não, também se flexionado assado; mas fulano abriu tal exceção. Esses problemas todos só vêm trazer dificuldades para o aprendizado da língua. Eu enfrentei um pouco esses problemas quando escrevi Ulisses - aos dezenove anos se é muito apegado à gramática. Nas edições subsequentes me libertei disso e dei maior fluidez à minha prosa, tornei-a mais simples, mais coloquial, menos presa à norma culta. Um exemplo: numa das primeiras páginas de Ulisses, a personagem flagra uma conversa dos pais e ouve a pergunta: Teria nos escutado?" Na edição original está "ter-nos-ia escutado?", porque é assim que a gramática manda escrever. Mas entendi, com o tempo, que a gramática ensina a escrever com tal rigidez que o escritor acaba perdendo a naturalidade. Se quiser escrever bem, terá de romper com os padrões. Saber escrever não é se apegar a regrinhas de gramática, mas deixar que a história flua num estilo corrente, límpido e, se possível, musical.

POR QUE ESCREVE?

Por necessidade imperiosa. Tão imperiosa que, mesmo doente, nunca me afastei da literatura, nunca deixei de ler os bons autores - nunca deixei de lê-los com a vontade de aprender. Porque há uma diferença muito grande entre ler como passatempo e ler para aprender. O escritor deve conhecer os grandes autores para aprender, eles é que são os nossos mestres. Lendo-os é que, verdadeiramente, aprendemos a escrever. Sempre senti essa necessidade de escrever, desde jovem, aos doze anos, quando li Alencar. Senti como que um impulso, uma compulsão, e comecei a escrever um conto por semana. Com doze anos de idade eu escrevia um conto por semana. E mandava esses contos para fora do Piauí, tentava publicá-lo, e eram rejeitados. Você não imagina como sofri. De vez em quando apareciam concursos de contos, nas revistas A Cigarra, Alterosa, O Cruzeiro, em jornais como o Correio da Manhã. Amarguei dezessete recusas antes que meu primeiro conto fosse premiado. Digo isso até com certo orgulho, porque outro escritor, diante de tantas negativas, teria desistido. Mas o fracasso é que me levava adiante. Eu pensava: "Se eles rejeitaram o meu conto é porque ainda não estou escrevendo bem, devo aperfeiçoar o estilo, melhorar os temas, dar certa musicalidade à minha prosa, certo contorno poético ao que quero exprimir, devo sugerir mais do que dizer". Esses cuidaaos todos eu tive por causa das recusas. Agradeço hoje a quem julgava aqueles contos o fato de eu me ter realizado. Se não, talvez me tivesse contentado com o que escrevia, achando que estava fazendo grande coisa e não teria ido adiante. A derrota, o mais das vezes, é a pedra de toque da vitória.

Por Edmilson Caminha Jr.

Conto

O homem e o menino

Fernando Sabino

Paro de escrever, levanto os olhos do papel para o relógio de parede: cinco horas. As sonoras pancadas começam a soar uma a uma, como antigamente em nossa casa.

Já contei várias proezas, aventuras, peripécias, tropelias (e agumas lorotas) do tempo em que eu era menino. Nada se compara ao mistério que eu trouxe da infância e que até hoje me intriga: quem era aquele desconhecido que um dia, depois da chuva, foi conversar comigo no fundo do quintal?

Na hora pensei que fosse algum amigo da família, ou até parente: um velho primo ou tio que eu não conhecesse. Cheguei, mesmo, a achar que ele se parecia um pouquinho com meu pai — mas foi só impressão: quando perguntei quem ele era, papai me disse que não tinha a menor idéia, pois nem chegou a vê-lo. Minha mãe também não soube dizer, muito menos o Gerson ou o Toninho.

E não fiquei sabendo, e até hoje me pergunto: que seria ele?

Cansado de tantas recordações, afasto-me do relógio e caminho até a janela, olho para fora.

Assombrado, em vez de ver os costumeiros edifícios, cujos fundos dão para o meu apartamento em Ipanema, o que eu vejo é uma mangueira — a mangueira do quintal de minha casa, em Belo Horizonte. Vejo até uma manga amarelinha de tão madura, como aquela que um dia quis dar para a Mariana e por causa dela acabei matando uma rolinha. Daqui da minha janela posso avistar todo o quintal, como antigamente: a caixa de areia que um dia transformei numa piscina, o bambuzal de onde parti para o meu pronde parti para o meu primeiro vôo. Volto-me para dentro e descubro que já não estou na sala cheia de estantes com livros do meu apartamento, mas no meu quarto de menino: a minha cama e a do Toninho, o armário de cujo espelho um dia se destacou um menino igual a mim... Ganho o corredor, passo pela copa onde o relógio está acabando de bater cinco horas. Atravesso a cozinha, vem a Alzira a remexer em suas panelas.

Refaço todo o caminho de volta até meu quarto. Vou à janela, olho para fora. O que vejo agora é a paisagem de sempre, o fundo dos edifícios voltados para mim, iluminados pelas luzes do entardecer em Ipanema. Ouço o relógio soando a última pancada das cinco horas. Viro-me, e me vejo de novo no meu apartamento. (O Menino no Espelho, Editora Record, texto fragmentado).